



Equipes Notre-Dame

A RAZÃO DE SER ECLESIOLOGICA DAS EQUIPES DE NOSSA SENHORA

Prezada família do Colégio Internacional da ENS.

Este correio da ERI chega até você alguns meses depois de termos vivido aqueles dias maravilhosos em Assis, no marco de nosso Colégio anual que, pela graça de Deus, pudemos experimentar presencialmente, tomando as precauções necessárias que as condições pós-pandêmicas exigiam de nós.

Na reunião da ERI que precede o Colégio, como de costume, dedicamos uma tarde a um encontro com a SR Itália, nossa anfitriã nesta ocasião, com sua equipe de SR e com vários casais equipistas italianos que tiveram a amabilidade e o entusiasmo de viajar de diferentes lugares, alguns não tão próximos, para esta bela cidade de Assis, onde se respira a espiritualidade de São Francisco e que deu um caráter especial às nossas reuniões.

Neste encontro, tivemos um espaço para uma troca de perguntas e ideias entre a ERI e os participantes em que, a propósito de várias interrogações que surgiram sobre as ENS diante de várias realidades de uniões não sacramentais que não são objeto deste correio, nos permitiu falar sobre um tema que consideramos fundamental, para compreender como equipistas e corresponsáveis por preservar a fidelidade aos princípios que nos inspiram.

Dissemos em nossa intervenção que o movimento das EQUIPES DE NOSSA SENHORA deve ser compreendido a partir de duas dimensões, que são a razão de ser de sua existência e que estão intimamente ligadas, permitindo-nos abordar de forma integral seu conhecimento e a vivência do projeto de vida que ele nos propõe: sua DIMENSÃO CARISMÁTICA e sua DIMENSÃO ECLESIAL.

Em correios anteriores da ERI, com o formato que adotamos desde a pandemia, Padre Ricardo e outros companheiros da ERI já haviam se referido à DIMENSÃO CARISMÁTICA de nosso movimento; por isso, nesta edição, queremos nos referir com maior ênfase à DIMENSÃO ECLESIAL e à razão de ser das ENS a partir desta perspectiva, na qual analisaremos o papel que desempenhamos como comunidade ou entidade orgânica inserida na igreja e nossa missão dentro dela.

Sempre dissemos que nos impressiona constatar a cada dia o caráter profético e atemporal que o Padre Caffarel tinha em suas mensagens. Temos a sorte e a disciplina de consultar assiduamente os escritos que o Padre Caffarel publicou na carta mensal do movimento, os artigos que escreveu na Revista L'ANNEAU D'OR e os diferentes editoriais em que se dirigia às Equipes de Nossa Senhora, nos quais buscamos sua iluminação para nos expressar, sendo fiéis ao seu pensamento, que é a herança espiritual que marcou um caminho firme nestes 75 anos.

A fim de contextualizar este correio, quisemos voltar aos primeiros anos da vida do movimento para escutar o que ele nos disse sobre o tema que estamos abordando.

Lendo o quarto editorial da carta mensal das Equipes de Nossa Senhora de 1954, escrito por nosso fundador a respeito da peregrinação que o movimento empreendia ao Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, no que ele chamou de gesto de ação de graças a Deus, "autor de todo dom" e também um gesto de ação de graças à Igreja e a Nossa Senhora, por ter permitido que este dom encontrasse corações dóceis em nosso meio, extraímos este texto que serve para orientar nossa reflexão:

“Muito influenciados por uma educação individualista, às vezes temos dificuldade para nos convencer de que os dons de Deus só vêm até nós na Igreja e através da Igreja, como disse São Cipriano: ‘Ninguém tem Deus por pai que não queira a Igreja por mãe’. É importante compreender que não fomos a terras estrangeiras para encontrar essas riquezas do matrimônio, mas para encontrá-las no tesouro inesgotável de nossa mãe, a Igreja. Recebemo-las de suas mãos.

Não temos o direito de mantê-las como gananciosos, como aproveitadores. Desde que os recebemos da Igreja, a Igreja deve ser a primeira beneficiária. Nossa gratidão não deve ser apenas uma palavra de nossos lábios, mas um dom de si mesmo.

Um dom de si mesmo, uma vontade ardente e deliberada de colocar nossos casais a serviço da Igreja:

- para que nossos filhos possam ser seus filhos;
- para oferecer com avidez àqueles a quem Deus chamaria de ‘o mais alto serviço’;
- para trabalhar com todas as nossas forças para transmitir o que entendemos sobre o matrimônio a tantos casais que não o conhecem e estão esperando por ele;
- para colaborar em sua tarefa missionária, a começar por nossas paróquias".

Embora as Equipes de Nossa Senhora tenham começado a tomar forma em 1939 e, apesar das adversidades da guerra, não desfaleceram, mas, ao contrário, mostraram um efeito de fermento na massa que se multiplicou no período pós-guerra, foi somente em 1947 que o Padre Caffarel quis estabelecer a "regra", que se plasmou na CARTA FUNDACIONAL, depois de ter certeza de que essa força não vinha de um impulso efêmero, mas tinha a força de um carisma, que era o gatilho para esse crescimento surpreendente.

O Carisma da ESPIRITUALIDADE ESPIRITUAL, então, foi revelado como a fonte que irradiava vida para nosso caminhar e que, como todo o carisma, não era um dom exclusivo do movimento nascente, mas um presente para a Igreja.

No artigo que citamos é absolutamente claro que, desde a gênese das ENS, Padre Caffarel tinha claro que nosso movimento e cada um de seus membros, não podíamos subtrair esta dimensão eclesial, que tinha este dom, e que este caráter eclesial deveria ser uma marca em nosso caminhar. Nele, ele enfatizava e alertava para o perigo de não se compreender que este caminho não poderia ser entendido como uma descoberta pessoal e, muito menos, como um presente para o usufruto de "nosso eu individualista".

Muitos anos depois, em 9 de março de 2006, o Arcebispo Stanislaw Rylko, que foi presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, na abertura do primeiro congresso de movimentos eclesiais e das novas comunidades na América Latina, disse o seguinte

"Entre os muitos frutos gerados pelo Concílio Vaticano II para a vida da Igreja, ocupa um lugar destacado e especial, sem qualquer dúvida, a ‘nova época associativa’ dos fiéis leigos. Graças à eclesiologia e à teologia do laicato, desenvolvidas pelo Concílio, junto a outras associações tradicionais, surgiram muitos outros agrupamentos, denominados hoje de

‘movimentos eclesiais’ ou ‘novas comunidades’. Mais uma vez, o Espírito interveio na história da Igreja, dando-lhe novos carismas portadores de um extraordinário dinamismo missionário e respondendo de maneira oportuna aos grandes e dramáticos desafios de nosso tempo".

No mesmo discurso inaugural, ele se referiu a São João Paulo II que, durante seu pontificado, nunca deixou de expressar sua profunda convicção de que os movimentos eclesiais eram a expressão de um "novo advento missionário", da "grande primavera cristã" preparada por Deus na proximidade do terceiro milênio da Redenção. Para ele, os movimentos eclesiais e as novas comunidades de fé, que surgiram no último século, como as Equipes de Nossa Senhora, eram portadores de um precioso potencial evangelizador, do qual a Igreja precisa urgentemente hoje.

João Paulo II dizia: "Em nosso mundo, frequentemente dominado por uma cultura secularizada que fomenta e propõe modelos de vida sem Deus, a fé de muitos é severamente testada e muitas vezes sufocada e extinta. Há, portanto, uma necessidade urgente de um anúncio forte e de uma formação cristã sólida e profunda. Quanta necessidade existe hoje de personalidades cristãs maduras, conscientes de sua identidade batismal, de sua vocação e missão na Igreja e no mundo".

Cristo, ao fundar sua Igreja, estabeleceu uma missão clara e concisa: "Fazei discípulos", missão de ontem, hoje e amanhã, que é o núcleo de nossa vocação como cristãos, o núcleo da Igreja e o núcleo de nosso movimento como Igreja que somos.

O "Agora" de nossa missão evangelizadora está em todos os ambientes onde, a partir do dom que recebemos, pelo qual fomos formados pela compreensão e vivência das graças do Sacramento do Matrimônio e do carisma da espiritualidade conjugal, podemos levar luz, podemos curar feridas e podemos fazer discípulos, como o Senhor nos pediu que fizéssemos.

Como EQUIPES DE NOSSA SENHORA, como aludiu João Paulo II, somos personalidades cristãs maduras, conscientes de nossa identidade batismal, de nossa vocação e missão na Igreja e no mundo, e essa é nossa principal razão eclesiológica de ser, nesta jornada que está sendo alimentada pelas orientações de vida que nos guiam, pelas ferramentas que o movimento nos oferece e pelas luzes que nosso sumo pontífice e os pastores que, como Igreja que somos, cuidam de seu rebanho, não dão.

Pedimos a Nossa Senhora sua proteção e sua intercessão para que, seguindo seu exemplo, tenhamos a docilidade de fazer o que Ele nos diz, sendo sempre fiéis ao nosso carisma e à nossa missão,

Que assim seja,

Clarita e Edgardo Bernal

Casal Responsável Internacional.